

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA DE ECONOMIA DE SÃO PAULO

DANIELA PARCA CAVELAGNA COSTA

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DO ÍNDICE DE DESEMPREGO NO BRASIL

SÃO PAULO

2015

DANIELA PARCA CAVELAGNA COSTA

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DO ÍNDICE DE DESEMPREGO NO BRASIL

Dissertação apresentada à Escola de Economia de São Paulo, da Fundação Getulio Vargas, em cumprimento dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Finanças e Economia.

Linha de Pesquisa: Economia do Trabalho

Orientador: Prof. Dr. Sergio Pinheiro Firpo

SÃO PAULO

2015

Costa, Daniela Parca Cavelagna.

Uma análise descritiva do índice de desemprego no Brasil / Daniela Parca Cavelagna Costa. - 2015.

45 f.

Orientador: Sergio Pinheiro Firpo

Dissertação (MPFE) - Escola de Economia de São Paulo.

1. Mercado de trabalho - Brasil. 2. Desemprego - Indicadores. 3. Demografia – Brasil. I. Firpo, Sergio Pinheiro. II. Dissertação (MPFE) - Escola de Economia de São Paulo. III. Título.

CDU 331.6.062(81)

DANIELA PARCA CAVELAGNA COSTA

UMA ANÁLISE DESCRITIVA DO ÍNDICE DE DESEMPREGO NO BRASIL

Dissertação apresentada à Escola de Economia de São Paulo, da Fundação Getulio Vargas, em cumprimento dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Finanças e Economia.

Linha de Pesquisa: Economia do Trabalho

Data de avaliação: 14/08/2015

Banca examinadora:

Prof. Dr. Sergio Pinheiro Firpo (Orientador)
FGV-EESP

Prof. Dr. Vladimir Ponczek
FGV-EESP

Prof. Dr. Paulo Arvate
FGV-EAESP

À minha família

AGRADECIMENTOS

Aos professores da FGV pela dedicação e conhecimento transmitido, em particular ao Prof. Sergio Pinheiro Firpo pela sua orientação nessa dissertação e ajuda na escolha do tema.

Aos meus colegas de classe que contribuíram para meu desenvolvimento, em especial, Carolina Miyuki Ujikawa, Fernanda Patriota Salles Ribeiro, Amanda Miranda Fantinatti, Natália Heimann e David Vicentin.

Aos meus pais pela minha educação e pelos valores que me transmitiram e a toda minha família pela compreensão da minha ausência durante o desenvolvimento do curso.

Aos meus gestores, Rodrigo Leite Mourato e Taís Marchetti Moretti, pela compreensão nos momentos de necessidade de maior dedicação ao curso e pelo apoio para obtenção do auxílio para o meu desenvolvimento intelectual.

Especialmente, ao meu esposo Rodrigo, pela enorme paciência e suporte ao longo desta jornada.

RESUMO

Em meio a um cenário de desaceleração do PIB e às incertezas sobre a inflação seria esperado que a taxa de desemprego aumentasse. Contudo, o mercado de trabalho apresentou resultados bastante satisfatórios nos últimos anos. Segundo dados do IBGE, no triênio 2011-2013, esse índice permaneceu, com uma certa “estabilidade”, no patamar de 6%. Ademais, é possível encontrar diferentes índices a partir de diversas fontes disponíveis para o mercado de trabalho brasileiro. Neste contexto, o presente estudo busca destacar as principais diferenças e semelhanças de cada uma das fontes de informação e avaliar a redução da taxa de desemprego ocorrida ao longo de mais de 10 anos. Para tanto, serão utilizadas as bases de dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 a 2013 a fim de analisar como se comporta a taxa de desemprego para os diferentes grupos componentes da força de trabalho. Os resultados indicam que os fatores populacionais foram mais importantes que os fatores econômicos, visto que a mudança na composição de faixa etária da PEA foi responsável por 25% da queda da taxa de desemprego de 2005/2006 para 2012/2013.

Palavras-chaves

Taxa de desemprego, demografia do mercado de trabalho, força de trabalho.

ABSTRACT

In a scenario of GDP slowdown and uncertainty about inflation it would be expected that the unemployment rate had increased. However, the labor market showed satisfactory results in recent years. According to IBGE data, on the triennium 2011-2013, this index remained, with some stability, around 6%. In addition, it is possible to find different rates according to several sources available for the Brazilian labor market. In this context, this study aims to emphasize the main differences and similarities of each information sources and evaluate the reduction occurred in the unemployment rate over more than 10 years. To do so, the National Sample Survey of Households databases, from 2001 until 2013, will be used in order to analyze how the unemployment rate behaves on each different group that compose the workforce. The results indicate that populational factors were more important than economic ones, since the change in the age composition of the labor force accounted for 25% the fall of the 2005/2006 unemployment rate to 2012/2013.

Keywords

Unemployment rate, labor demographics, workforce.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
1.1 APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	13
1.2 DEFINIÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA E FORMULAÇÃO DA QUESTÃO DE PESQUISA.....	16
1.3 OBJETIVOS DO TRABALHO PROPOSTO.....	16
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.....	17
2.1 DEFINIÇÕES E DIFERENÇAS DAS FONTES DE INFORMAÇÃO.....	17
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO	21
3. METODOLOGIA.....	24
4. ANÁLISE DE DADOS.....	25
4.1 TAXA DE DESEMPREGO.....	26
4.2 DECOMPOSIÇÃO DAS VARIAÇÕES DA TAXA DE DESEMPREGO	29
5. CONCLUSÃO	42
6. REFERÊNCIAS	44

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Taxa de desemprego no Brasil	14
Gráfico 2 – Variação percentual anual do PIB Real no Brasil	14
Gráfico 3 – Inflação anual – IPCA no Brasil	15
Gráfico 4 – Taxa de desocupação no Brasil	19
Gráfico 5 – Taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo	20
Gráfico 6 – Evolução da Geração de Empregos Formais	21

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Variação anual da População	26
Tabela 2: Participação por setor de atividade na População Ocupada	27
Tabela 3: Participação por setor de atividade na População Ocupada	28
Tabela 4: Taxa de desemprego por sexo	29
Tabela 5: Variação da taxa de desemprego por sexo	29
Tabela 6: Composição média da PEA por sexo	30
Tabela 7: Decomposição da variação da taxa de desemprego por sexo.....	30
Tabela 8: Taxa de desemprego por raça.....	31
Tabela 9: Variação da taxa de desemprego por raça.....	31
Tabela 10: Composição média da PEA por raça.....	31
Tabela 11: Decomposição da variação da taxa de desemprego por raça	32
Tabela 12: Taxa de desemprego por faixa etária.....	32
Tabela 13: Variação da taxa de desemprego por faixa etária.....	33
Tabela 14: Composição média da PEA por faixa etária.....	33
Tabela 15: Decomposição da variação da taxa de desemprego por faixa etária	34
Tabela 16: Taxa de desemprego por nível de escolaridade.....	34
Tabela 17: Variação da taxa de desemprego por nível de escolaridade.....	35
Tabela 18: Composição média da PEA por nível de escolaridade.....	35
Tabela 19: Decomposição da variação da taxa de desemprego por nível de escolaridade	36
Tabela 20: Taxa de desemprego por área.....	36
Tabela 21: Variação da taxa de desemprego por área	37
Tabela 22: Composição média da PEA por área.....	37
Tabela 23: Decomposição da variação da taxa de desemprego por área	38
Tabela 24: Taxa de desemprego por zona.....	38
Tabela 25: Variação da taxa de desemprego por zona	38
Tabela 26: Composição média da PEA por zona.....	39
Tabela 27: Decomposição da variação da taxa de desemprego por zona	39
Tabela 28: Taxa de desemprego por região	40
Tabela 29: Variação da taxa de desemprego por região.....	40
Tabela 30: Composição média da PEA por região	40
Tabela 31: Decomposição da variação da taxa de desemprego por região	41
Tabela 32: Desocupados sobre a PIA.....	41

Tabela 33: Variação de desocupados sobre a PIA	41
Tabela 34: Composição média da PIA por faixa etária.....	41
Tabela 35: Decomposição da variação de desocupados sobre a PIA.....	41

1. INTRODUÇÃO

1.1 Apresentação do tema

A análise do mercado de trabalho é de extrema importância para a economia e a sociedade de um país em busca do desenvolvimento econômico. É através do conhecimento da estrutura deste mercado que são viabilizadas decisões governamentais a fim de aumentar a capacidade de geração de empregos, medida esta que melhora, conseqüentemente, o nível de bem estar social.

A economia brasileira tem passado por constantes mudanças. Assim, torna-se relevante acompanhar e avaliar os movimentos que orientam tais mudanças. Ao longo dos últimos anos tem-se observado uma importante queda da taxa de desemprego. É interessante notar que essa redução tenha ocorrido mesmo diante de um cenário econômico não tão favorável para o país, com desaceleração do PIB e incertezas em relação à inflação.

Ademais, é possível encontrar informações distintas dependendo da fonte analisada. Conforme apuração da PME (Pesquisa Mensal do Emprego), realizada pelo IBGE, a taxa média de desemprego no Brasil saiu de mais de 12% em 2003 para 5,3% em 2013, a menor média anual histórica desde 2002. Ainda segundo dados do IBGE, de acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), a redução da taxa de desemprego no Brasil foi bem menor, de 9,7% em 2003 para 6,5% em 2013, mas ainda assim, apresentou uma queda de mais de 30% ao longo de 10 anos. Já na Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), aplicada à Região Metropolitana de São Paulo - principal mercado de trabalho do país, a taxa de desemprego atingiu um pico de 19,9% em 2003 desacelerando a partir de então, até chegar a 10,4%, em 2013. Enquanto que tomando-se como referência o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), que informa a criação líquida de empregos formais no país, observa-se que entre os anos de 2004 e 2013 foram gerados mais de 13 milhões de empregos. Todavia, diante dos dados de qualquer uma das fontes, observa-se a mesma tendência de queda do desemprego.

A título de fornecer uma visão geral, ilustra-se abaixo no Gráfico 1 a evolução do índice de desemprego tanto segundo a PNAD quanto segundo a PME com referência nos meses de setembro de cada ano – mesmo mês em que a PNAD é realizada. No Gráfico observa-se que apesar da diferença dos índices, eles apresentam semelhança tanto no patamar do desemprego quanto na tendência.

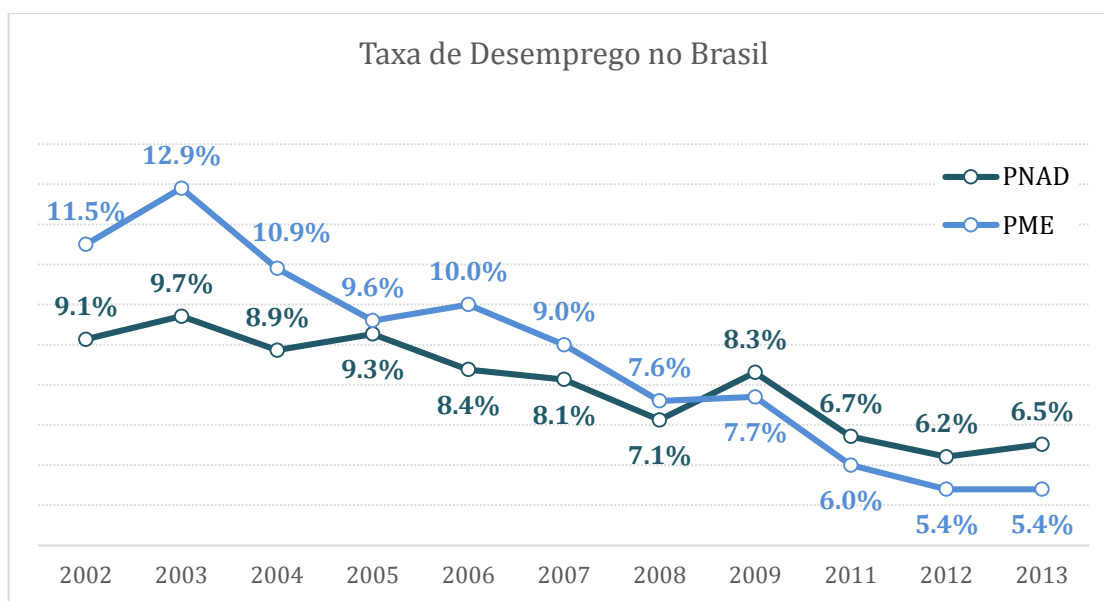


Gráfico 1 – Taxa de desemprego no Brasil

Fonte: IBGE e Ipeadata

Os Gráficos 2 e 3 mostram a variação anual do produto brasileiro e a evolução da inflação - medida pelo IPCA - para o mesmo período, respectivamente.

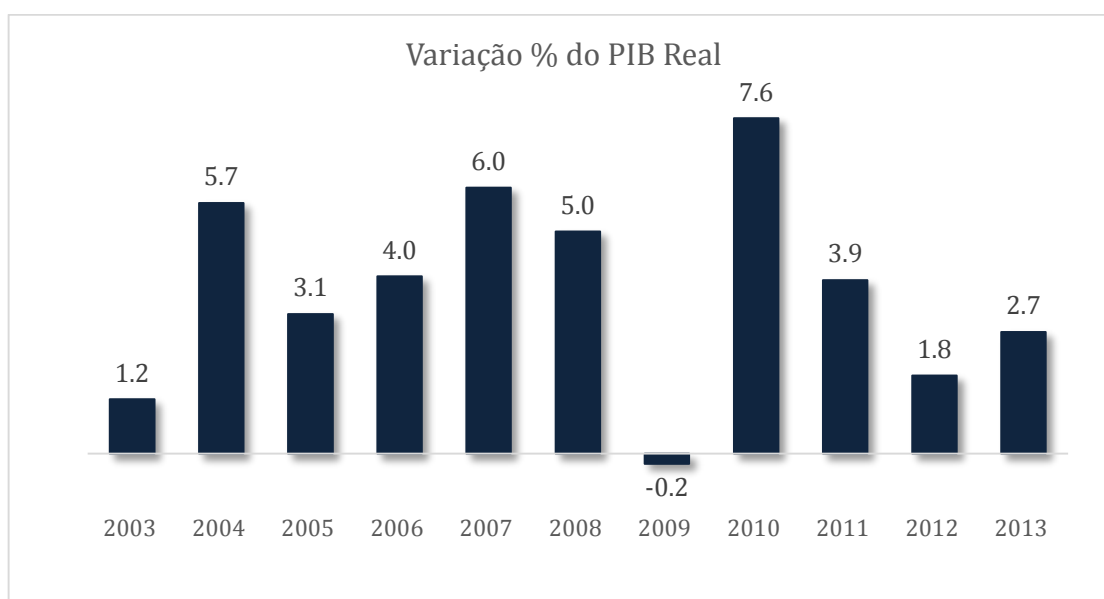


Gráfico 2 – Variação percentual anual do PIB Real no Brasil

Fonte: IBGE

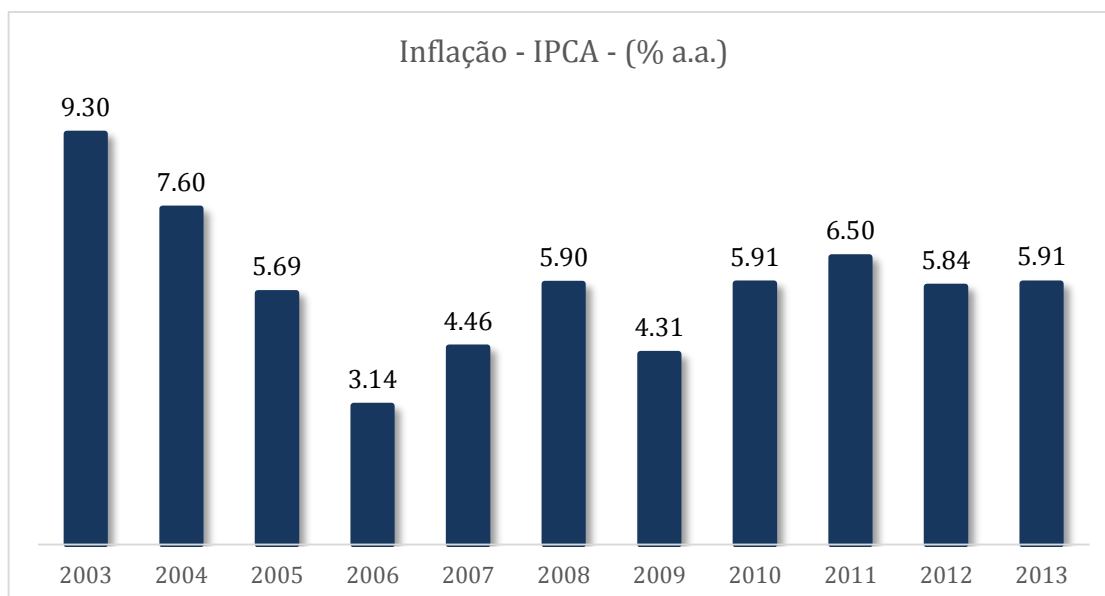


Gráfico 3 – Inflação anual – IPCA no Brasil
Fonte: IBGE

Um ponto que merece atenção é o fato de que passado o breve período de recessão em 2009, consequente da crise internacional de 2008, a economia brasileira cresceu 7,6% no ano seguinte, uma taxa de crescimento não vista a algumas décadas no Brasil. Contudo, essa recuperação não perdurou por muito tempo, e a economia passou e ainda encontra-se em outra fase de baixo crescimento mas, mesmo assim, a taxa de desemprego continuou a cair.

Diante do cenário apresentado, este trabalho tem por objetivo, detalhar as principais diferenças entre as diversas fontes de informação do índice de desemprego e avaliar a partir da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), dada sua abrangência, disponibilidade de dados e credibilidade, esse movimento de queda do desemprego a fim de identificar como o índice se comporta para os diferentes grupos componentes da força de trabalho e identificar se essa análise pode contribuir de alguma forma para explicar o bom desempenho do mercado de trabalho.

De modo geral, dentre os trabalhos da literatura nacional que avaliam as flutuações da taxa de desemprego, poucos foram os que avaliaram a sua estrutura. Assim, a partir da análise das variações do desemprego, baseada em fatores demográficos, a saber: gênero, raça, faixa etária, nível de escolaridade, bem como a decomposição em regiões metropolitanas e não metropolitanas, zona urbana e rural e do agrupamento das unidades federativas brasileiras, busca-se obter a resposta à questão de pesquisa.

1.2 Definição do Objeto de Pesquisa e Formulação da Questão de Pesquisa

Na análise da evolução da taxa de desemprego, é fundamental atentar-se para o fato de que esse índice é influenciado tanto pelo número de desocupados quanto pela dimensão da População Economicamente Ativa. Além disso, as características dos grupos componentes da força de trabalho também podem interferir nas variações do desemprego. É neste contexto que este estudo busca entender cada um dos fatores que podem influenciar as flutuações deste indicador, a saber, as variações da magnitude da PEA e do número de desocupados e ainda características da força de trabalho, como gênero, faixa etária, raça, nível de escolaridade e fatores demográficos. Mais especificamente buscar-se-á responder a seguinte pergunta de pesquisa: **É possível explicar a melhora do mercado de trabalho no Brasil a partir de mudanças na composição da População Economicamente Ativa?**

1.3 Objetivos do trabalho proposto

Os objetivos deste trabalho são:

- 1) Por meio de uma revisão bibliográfica, entender cada uma das principais fontes de informação da taxa de desemprego.
- 2) A partir dos dados da PNAD analisar a taxa de desemprego ao longo de mais de 10 anos.
- 3) Decompor o índice de desemprego em algumas variáveis e avaliar o quanto da queda decorre do próprio efeito do desemprego a fim de verificar se alterações na composição da população economicamente ativa ajudariam a explicar o desempenho recente do mercado de trabalho mesmo diante de um cenário econômico desfavorável.

Esta dissertação será composta de seis capítulos, incluindo esta Introdução. No capítulo 2 será feita uma revisão bibliográfica abordando tanto as diversas fontes da taxa de desemprego disponíveis no Brasil quanto o próprio referencial teórico. No terceiro capítulo será apresentada a metodologia empregada e no capítulo 4, a análise dos dados. Por fim, nos últimos capítulos estão, as conclusões do estudo e as referências bibliográficas.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1 Definições e diferenças das fontes de informação

Sabe-se que existem diversas pesquisas diferentes de emprego e desemprego no Brasil. Também é sabido que existem muitas divergências entre os dados da força de trabalho disponibilizados por estas fontes distintas. Neste item procura-se expor, a partir de uma breve descrição de cada fonte disponível, as principais características de cada uma delas, assim como as suas informações, a fim de identificar as principais diferenças que poderiam justificar tais divergências.

PME:

Ao longo de muitos anos, a Pesquisa de Mensal de Emprego (PME) do IBGE foi a pesquisa mais citada. Conforme descrição do próprio IBGE, a PME trata-se de uma pesquisa mensal sobre mão-de-obra e rendimento do trabalho. Os dados desta pesquisa são obtidos a partir de uma amostra probabilística de aproximadamente 38.500 domicílios situados nas regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.

É uma pesquisa que segue as recomendações da Organização Internacional do Trabalho com objetivo de produzir resultados que possam ser comparados internacionalmente.

Para o cálculo da taxa de desemprego, define-se a População em Idade Ativa (PIA), a qual divide-se em 3 partes: ocupados, desocupados e inativos. A soma de ocupados e desocupados constitui a chamada População Economicamente Ativa (PEA) e a taxa de desemprego é dada pela razão entre desocupados e a PEA. Portanto, pode-se obter taxas de desemprego bastante diferentes, conforme a composição de cada um destes grupos.

Dentre a população ocupada estão aquelas pessoas que, num determinado período de referência, trabalharam ou tinham trabalho. Nesse caso, considera-se como trabalho, a ocupação econômica remunerada ou não, exercida durante, pelo menos, 15 horas na semana - ou seja, inclui também trabalhadores informais ou eventuais, por exemplo.

Como desocupados classificam-se aqueles que não tinham trabalho no período de referência, mas estavam dispostos a trabalhar.

Recentemente, a medida de desemprego utilizada pela PME tem sido bastante criticada, principalmente pelo fato de que, em se tratando de uma pesquisa realizada somente nas principais regiões metropolitanas não refletiria a realidade brasileira. O histórico do índice de desemprego a partir dessa pesquisa está descrito no Gráfico 1.

PNAD:

Com a finalidade de produzir informações básicas para o estudo do desenvolvimento socioeconômico do país, a PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios teve início no segundo trimestre de 1967. As informações sobre emprego e desemprego na PNAD também são fornecidas pelo IBGE, porém, desta vez a pesquisa é realizada anualmente, em anos nos quais o Censo Demográfico não é realizado.

Trata-se de uma pesquisa amostral, na qual são visitados cerca de 150.000 domicílios ao longo de todo território nacional e mais de 360.000 pessoas são entrevistadas. A PNAD oferece informações sobre características demográficas e socioeconômicas da população brasileira.

Os conceitos utilizados para o cálculo da taxa de desemprego são os mesmos detalhados na PME e o histórico do índice também pode ser observado no Gráfico 1.

PNAD Contínua:

A PNAD Contínua trata-se de uma nova pesquisa de abrangência nacional, realizada pelo IBGE, a qual foi criada para ser publicada trimestralmente. Essa pesquisa começou a ser divulgada em janeiro de 2014, com a intenção de substituir a PNAD e a PME.

No início de 2015 foram divulgados dados segundo uma nova metodologia de cálculo, na qual os resultados trimestrais são apresentados mensalmente. Como foi idealizada para ser uma pesquisa trimestral e os dados mensais apresentavam alguns ruídos, adotou-se um modelo de média trimestral baseado no modelo utilizado pelo Reino Unido. No Gráfico 4 estão os dados de desocupação dos primeiros dois anos da pesquisa de acordo com essa nova metodologia.

Segundo o IBEG, a PNAD Contínua investiga mais de 200 mil domicílios distribuídos em cerca de 3.500 municípios. O mesmo domicílio selecionado para a pesquisa é entrevistado durante cinco trimestres consecutivos.

Uma diferença relevante que vale ser ressaltada é sobre a idade considerada mínima para compor a população economicamente ativa, que era de 10 anos tanto na PNAD quanto na PME e passa a ser 14 anos na PNAD Contínua, uma vez que, abaixo desta idade o trabalho não é legalizado no país. Apesar de se ter uma quebra na série histórica, será possível avaliar de maneira mais precisa as sazonalidades do emprego, uma vez que se passa a ter um “filme contínuo” do desemprego, o que contribui, inclusive, para o aprimoramento e desenvolvimento mais assertivo das políticas públicas.

Cabe ressaltar que a PNAD Contínua não incluirá no conceito de trabalho, as atividades voltadas ao próprio consumo e ao próprio uso, assim como acontece na PME. Já a PNAD, investiga, se as pessoas que não estão envolvidas em nenhuma outra atividade econômica, seja ela remunerada ou não, exercem alguma atividade de cultivo, pesca, caça ou criação de animais, construção de prédio, cômodo, poço ou outras obras de construção.

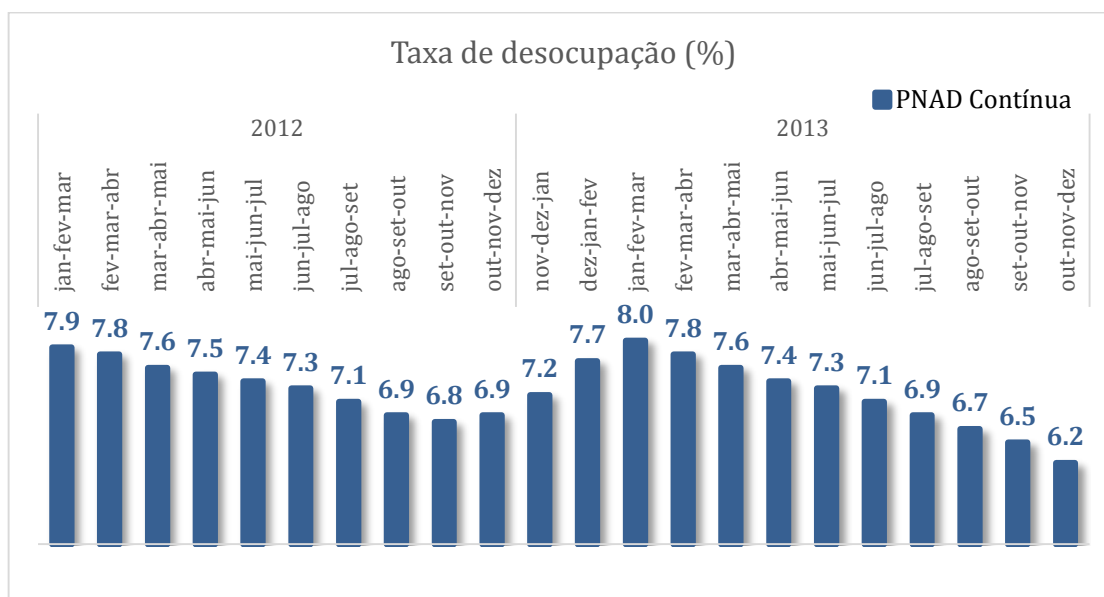


Gráfico 4 – Taxa de desocupação no Brasil
Fonte: IBGE

PED:

A Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) é um levantamento amostral domiciliar realizado mensalmente em São Paulo desde 1984, pelo Dieese em conjunto com a Fundação Seade. Recentemente, foi implementada em outras regiões devido à qualidade de seus indicadores e às inovações metodológicas. Atualmente é realizada no Distrito Federal e nas Regiões Metropolitanas de São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife e Fortaleza.

O Gráfico 5 mostra o comportamento da taxa de desemprego ao longo dos últimos dez anos na região metropolitana de São Paulo.

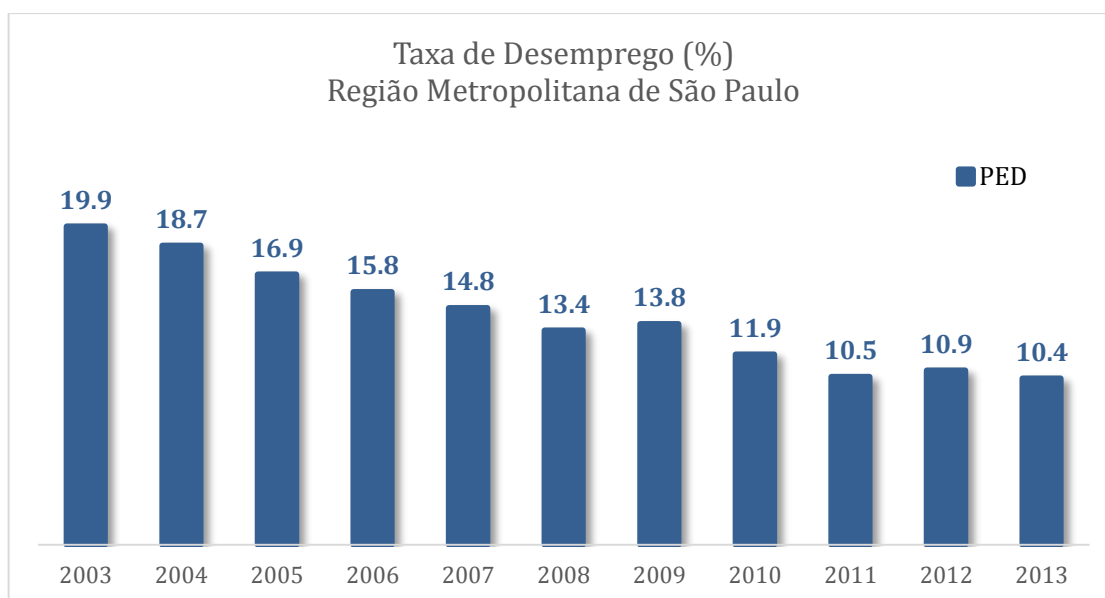


Gráfico 5 – Taxa de desemprego na Região Metropolitana de São Paulo

Fonte: Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Regional.

Convênio Seade–Dieese e MTE/FAT.

CAGED:

Por fim, também é comum utilizar-se dos dados do CAGED (Cadastro Geral de Empregados e Desempregados) como fonte de informação do mercado de trabalho no Brasil. O CAGED constitui-se de uma fonte de informação com âmbito nacional e é divulgado mensalmente. Foi criado com o intuito de fiscalização do processo de admissão e dispensa de trabalhadores regidos pela CLT e, portanto, considera somente dados do chamado “emprego formal”.

Segundo o IBGE, os aperfeiçoamentos tanto do sistema como da metodologia de tratamento dos dados tornaram esse registro administrativo uma das principais fontes de informações estatísticas sobre o mercado de trabalho conjuntural.

Cabe ressaltar que uma das diferenças do CAGED para a PME é que no primeiro, os dados são contabilizados na área geográfica em que está localizado o vínculo empregatício e não onde mora a pessoa, enquanto na PME os dados da pessoa ocupada são considerados segundo seu local de residência.

Segundo esse cadastro, foram gerados mais de 13 milhões de empregos entre os anos de 2004 e 2013, como pode ser visto no Gráfico 6.

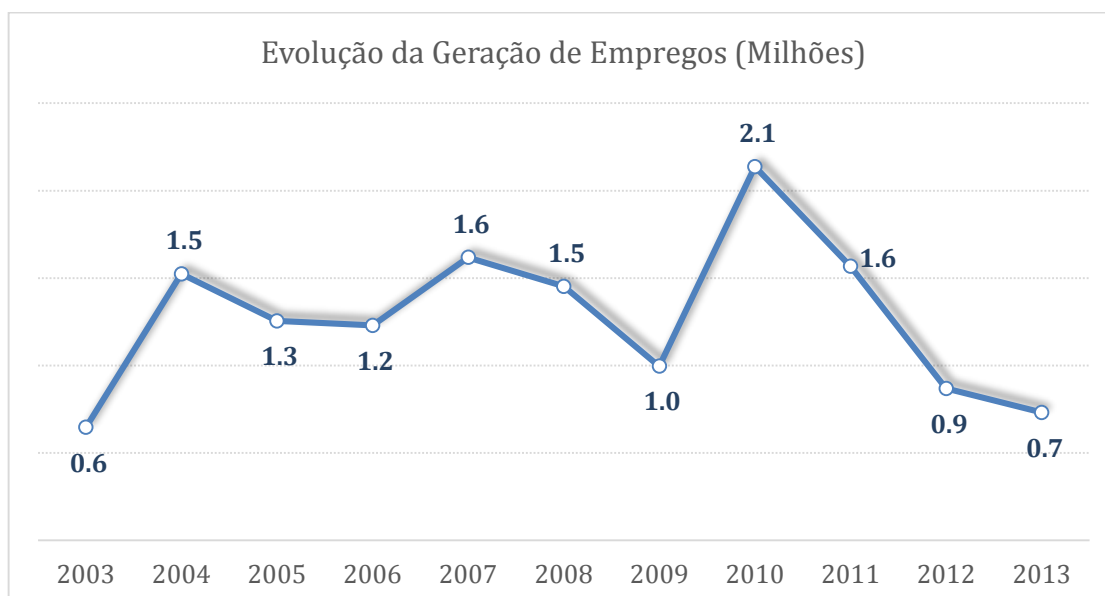


Gráfico 6 – Evolução da Geração de Empregos Formais
Fonte: CAGED e Ipeadata

2.2 Referencial Teórico

Na literatura nacional são abordadas diferentes questões relacionadas ao mercado de trabalho. Neves Júnior e Paiva (2007) analisam a relação entre crescimento econômico e o emprego, comparando a economia brasileira à dos países da OCDE assim como à de outros países em desenvolvimento. Ou seja, os autores avaliam a “intensidade-emprego” do crescimento do Produto Interno Bruto. Em especial, observam a sensibilidade do emprego formal às variações da produção, já que este tipo de ocupação geralmente apresenta maior

qualidade e melhores condições de trabalho. Os autores mostram que, de modo geral, países desenvolvidos apresentam elasticidades emprego mais baixas para níveis de produtividade mais elevados, enquanto que países em desenvolvimento tendem a apresentar valores mais altos de elasticidade emprego, até mesmo maiores do que 1.

Corseuil e Servo (2006) procuram compreender, a partir da análise do comportamento das demissões e contratações no mercado de trabalho brasileiro, o grau de flexibilidade deste mercado. Os autores mostram que os indicadores de criação, destruição e realocação são bem maiores no Brasil quando comparados a outros países, o que pode ser explicado parcialmente pela relevante participação de aberturas e fechamentos de empresas no mercado.

Outros ainda analisam os determinantes da duração do desemprego e os impactos da duração do desemprego no Brasil, como é o caso de Picchetti e Menezes-Filho (2000), que avaliam de que maneira o processo de busca por emprego influencia as probabilidades de transição do indivíduo da condição de desempregado para as condições de empregado ou de inativo e de Flori (2003) que analisa a estrutura do desemprego dos jovens no Brasil, tentando identificar motivos para se encontrar taxas de desemprego mais altas entre os jovens do que entre os adultos. Enquanto Reis e Aguas (2013) utilizam dados da PME para estimar modelos de duração de desemprego que consideram transições do desemprego para o emprego ou a inatividade e Reis (2015) analisa o processo de transição dos jovens do desemprego para o primeiro emprego.

Santos (2013) utiliza os dados da PED Metropolitana do Dieese para analisar a evolução do desemprego nos últimos anos, com foco no período 1998 a 2012. O autor conclui que boa parte da explicação para a recente redução na taxa de desemprego se dá pela redução no crescimento da população, em particular, da população economicamente ativa. Outros fatores de contribuição para tal redução citados por ele foram a redução da participação da população jovem na PEA e, com menor grau de importância, o crescimento econômico e consequentemente, o crescimento da população ocupada.

Silva e Pires (2014) utilizam uma abordagem diferente da intuição de que alterações do desemprego seriam fruto apenas da geração de postos de trabalho. Em seu artigo, decompõem a variação do desemprego em dois componentes, a probabilidade de um desocupado conseguir trabalho e a probabilidade de um ocupado desligar-se dele. A partir do acompanhamento das

mesmas pessoas ao longo do tempo, esses fatores são calculados para o conjunto das regiões metropolitanas brasileiras da PME no período 2003-2013 e encontram-se evidências de que a queda da probabilidade de desligamento alinha-se ao aumento do tempo de permanência dos trabalhadores em seus postos de trabalho e que esse recuo foi responsável por pouco mais do que 80% da queda do desemprego. Já o acesso ao mercado pelos desocupados melhorou de forma tímida, não atingindo os desocupados de longo prazo.

Na mesma linha de pesquisa de Silva e Pires (2014), encontram-se os trabalhos de Shimer (2007) e Menezes-Filho e Nunes (2010). O primeiro avalia a probabilidade de admissão e desligamento nos Estados Unidos de 1948 a 2007 e conclui que variações da taxa de admissão explicam 75% da volatilidade na taxa de desemprego, enquanto o segundo calcula as mesmas probabilidades para o mercado de trabalho brasileiro e observa que no Brasil, a variação na taxa de admissão explica praticamente 100% da queda na taxa de desemprego de 2002 a 2009.

Garcia e Gonzaga (2014) acompanham a PED durante trinta anos e destacam dentre as principais mudanças no mercado de trabalho da Região Metropolitana de São Paulo, o patamar mais baixo da taxa de desemprego total e de suas componentes; o incremento da taxa de participação feminina e a redução da taxa de participação dos jovens; o aumento da formalização das ocupações; além das maiores oscilações da PEA; e a redução da distância entre os rendimentos do trabalho dos mais ricos e dos mais pobres.

Contudo, há uma certa escassez de trabalhos que tentam explicar as variações da taxa de desemprego. Nessa linha de pesquisa, Saboia (2014) discute o comportamento favorável do mercado de trabalho ao mesmo tempo em que a economia brasileira apresenta baixo crescimento encontrando-se, praticamente, em processo de desaceleração. Em sua análise dá maior foco ao período 2011-2013, quando a economia desacelerou fortemente e os resultados do mercado de trabalho continuaram positivos. O aumento do salário mínimo e dos salários em geral, a maior formalização do trabalho, o aumento da escolaridade dos trabalhadores, e os efeitos da transição demográfica do país são citados pelo autor como possíveis explicações para a evolução do desemprego. Contudo, o principal argumento para tal performance é o de que o baixo nível da produtividade do trabalho favoreceu a criação de uma grande quantidade de empregos pouco produtivos e mal remunerados, sendo, portanto, um resultado compatível com o baixo crescimento econômico.

Barbosa Filho e Abreu Pessoa (2011) utilizam dados da PNAD para analisar a redução do desemprego em dois períodos, de 2008-2001 e 2008-2003. Os autores concluem que a queda da taxa de desemprego foi maior nas regiões metropolitanas do que no país como um todo. Adicionalmente, observam que a variação da composição da força de trabalho, tanto em relação à faixa etária quanto à escolaridade apresentam alto grau de contribuição para explicar a queda do desemprego. Por fim, identificam ainda impacto relevante para a variação na taxa de participação.

Este trabalho busca complementar a análise realizada por Saboia (2014) utilizando da mesma metodologia de Barbosa Filho e Abreu Pessoa (2011) para avaliar como o índice de desemprego se comporta dentro dos diferentes grupos componentes da força de trabalho e verificar se alterações na composição da força de trabalho foram cruciais para o recente desempenho positivo do mercado de trabalho.

3 METODOLOGIA

As análises deste trabalho serão realizadas em função da decomposição da taxa de desemprego em duas componentes, uma relacionada à mudança do próprio nível da taxa de desemprego e outra relacionada à variação do desemprego em função da alterações na composição da PEA.

Conforme mencionado anteriormente, a taxa de desemprego é dada pela razão entre o número de desocupados e a População Economicamente Ativa (PEA). Se chamarmos o desemprego pela letra D , o índice pode ser escrito da seguinte forma:

$$D_t = \frac{desocupados_t}{PEA_t} = \frac{desocupados_t}{desocupados_t + ocupados_t} = \frac{d_t}{L_t} \quad (1)$$

Assumindo que i seja um grupo específico, como por exemplo, sexo, raça ou faixa etária, pode-se decompor o desemprego conforme a seguir:

$$D_t = \frac{d_t}{L_t} = \frac{\sum_i d_{i,t}}{\sum_i L_{i,t}} = \frac{\sum_i L_{i,t} \frac{d_{i,t}}{L_{i,t}}}{\sum_i L_{i,t}} \quad (2)$$

$$\sum_i \frac{L_{i,t}}{\sum_i L_{i,t}} \frac{d_{i,t}}{L_{i,t}} = \sum \varphi_{i,t} D_{i,t} \quad (3)$$

Assim, a participação de cada grupo i é dada por $\varphi_{i,t}$ e o desemprego em cada grupo i é definido por $D_{i,t}$.

Com base na decomposição do desemprego nos componentes participação e nível, é possível avaliar quais aspectos mais influenciaram na variação do desemprego ao longo do tempo, utilizando-se da fórmula abaixo:

$$\begin{aligned}
 D_t - D_{t-1} &= \sum_i \varphi_{i,t} D_{i,t} - \sum_i \varphi_{i,t-1} D_{i,t-1} = \sum_i (\varphi_{i,t} D_{i,t} - \varphi_{i,t-1} D_{i,t-1}) = \\
 &= \frac{1}{2} \sum_i (\varphi_{i,t} D_{i,t} - \varphi_{i,t-1} D_{i,t-1}) + \frac{1}{2} \sum_i (\varphi_{i,t} D_{i,t} - \varphi_{i,t-1} D_{i,t-1}) = \\
 &= \frac{1}{2} \sum_i [\varphi_{i,t} (D_{i,t} - D_{i,t-1}) + D_{i,t-1} (\varphi_{i,t} - \varphi_{i,t-1})] \\
 &\quad + \frac{1}{2} \sum_i [\varphi_{i,t-1} (D_{i,t} - D_{i,t-1}) + D_{i,t} (\varphi_{i,t} - \varphi_{i,t-1})] = \\
 &= \sum_i \frac{(\varphi_{i,t} + \varphi_{i,t-1})}{2} (D_{i,t} - D_{i,t-1}) + \sum_i \frac{(D_{i,t} + D_{i,t-1})}{2} (\varphi_{i,t} - \varphi_{i,t-1}) = \\
 &= \sum_i \Delta D_{i,t}^N + \sum_i \Delta D_{i,t}^C = \Delta D_t^N + \Delta D_t^C
 \end{aligned} \tag{4}$$

Portanto, a variação do desemprego pode ser decomposta em duas componentes: uma componente relacionada à mudança do nível da taxa de desemprego (ΔD_t^N) e outra componente relacionada à variação do desemprego em virtude da mudança da composição da PEA (ΔD_t^C).

4 ANÁLISE DE DADOS

Esta seção tem por objetivo fazer uma análise do próprio índice de desemprego e das suas componentes e, posteriormente, discutir os resultados obtidos a partir da metodologia apresentada na seção anterior.

4.1 Taxa de desemprego

A taxa de desemprego é o indicador mais utilizado para a avaliação do desempenho do mercado de trabalho. Quando esse indicador se encontra em patamares baixos, faz-se uma avaliação positiva em relação ao mercado de trabalho. O contrário também é válido quando ele passa para níveis mais elevados.

Nesse sentido, observando-se o Gráfico 1 que demonstra a evolução da taxa de desemprego no Brasil, medida a partir da PNAD, ao longo de mais de 10 anos, pode-se dizer que, exceto no ano de 2009, período da crise econômica internacional, houve uma forte tendência de queda, principalmente entre 2005 e 2013, o que indica um progressivo aquecimento do mercado de trabalho ao longo do período analisado.

Conforme observado por Santos (2013), essa queda foi tão expressiva que quando comparada a nível mundial, a taxa de desemprego no Brasil desponta de uma das maiores do mundo em 2003 para uma das menores do mundo em 2011.

Apesar desta queda significativa, nesse mesmo período, observa-se um baixo e decrescente crescimento tanto da população ocupada quanto da população em idade ativa, evidenciados na tabela 1. Esse crescimento mais moderado da força de trabalho poderia ser considerado como uma das possíveis explicações para a redução do desemprego.

Variação (%)	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013
PO	3.6	1.2	5.6	2.9	2.1	1.1	2.8	0.4	0.5	1.4	0.6
PEA	3.3	1.9	4.6	3.4	1.1	0.8	1.7	1.7	-0.3	0.9	0.9
PIA	1.4	1.3	3.4	1.2	1.2	1.1	1.1	1.0	1.0	0.9	0.9

Tabela 1 – Variação anual da População

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE - PNAD

A queda da taxa de participação seria uma segunda possibilidade. Dada pela razão entre a População Economicamente Ativa e a População em Idade Ativa, quando a taxa de participação diminui, a taxa de desemprego também diminui. Intuitivamente, se menos pessoas estão à procura de emprego, menor tende a ser a taxa de desemprego. Os dados da PNAD mostram que a taxa de participação da economia brasileira diminuiu de 52,7% para 51,3% de 2009 para 2012.

Há ainda que considerar a hipótese de mudança na composição setorial do emprego. Pode acontecer de setores mais intensivos em trabalho ganharem espaço em detrimento

daqueles que empregam menos trabalhadores por unidade de PIB. Todavia, essa hipótese não se solidifica, quando se observa que as mudanças na participação desses setores na população ocupada não são tão significativas. Na Tabela 2 estão as participações de cada tipo de atividade na população ocupada. As atividades destacadas em negrito foram agrupadas como serviços, setores para os quais acredita-se empregar mais por unidade de PIB.

Grupamentos de atividade principal do trabalho da semana de referência	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013
Agrícola	19%	19%	18%	17%	16%	15%	14%
Outras atividades industriais	1%	1%	1%	1%	1%	1%	1%
Indústria de transformação	14%	14%	14%	14%	13%	13%	13%
Construção	7%	7%	7%	7%	8%	9%	9%
Comércio e reparação	18%	18%	17%	18%	18%	18%	18%
Alojamento e alimentação	4%	4%	4%	4%	5%	5%	5%
Transporte, armazenagem e comunicação	5%	5%	5%	5%	5%	6%	6%
Administração pública	5%	5%	5%	5%	5%	5%	6%
Educação, saúde e serviços sociais	9%	9%	9%	9%	9%	10%	10%
Serviços domésticos	8%	7%	7%	8%	7%	7%	7%
Outros serviços coletivos, sociais e pessoais	4%	4%	4%	4%	4%	4%	4%
Outras atividades	7%	7%	8%	8%	9%	9%	8%
Atividades maldefinidas	0%	0%	0%	0%	0%	0%	0%
Serviços	47%	47%	47%	48%	48%	48%	49%

Tabela 2 – Participação por setor de atividade na População Ocupada

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE - PNAD

Outra possível explicação seria a retenção de trabalho, que teria acontecido especificamente no setor industrial. Quando o custo de despedir trabalhadores treinados e qualificados, para depois recontratar e treinar em momentos de recuperação, é mais alto do que mantê-los mesmo com uma produtividade abaixo da ótima, as indústrias preferem incorrer de tal custo. No entanto, essa justificativa dificilmente explicaria sozinha a queda da taxa de desemprego.

O aumento dos níveis de escolaridade dos brasileiros também poderia ajudar a explicar. Muitos jovens, até mesmo de baixa renda, estariam retardando sua entrada no mercado para estudar, uma vez que os melhores empregos, cujos salários são bem mais elevados, exigem um nível de escolaridade mínimo à mesma altura. Segundo estudo realizado pela área de pesquisa macroeconômica do Itaú existe evidências empíricas de que a desaceleração da economia, o aumento do Fundo de Financiamento Estudantil e os ganhos de renda contribuíram para a queda na oferta de trabalho dos jovens, o que puxou para baixo o desemprego no Brasil.

Além disso, as pessoas poderiam estar desistindo de entrar no mercado por possuírem fontes alternativas de renda – desde um salário mais alto de algum integrante da família (como, por exemplo, mulheres com filhos pequenos) ou um benefício social recebido do governo. Ou ainda, esse grande número de pessoas ocupadas poderia estar recebendo baixos salários, sem carteira assinada, sem contribuição previdenciária ou trabalhando por conta própria.

Todavia, constata-se um aumento de 13% no número de pessoas empregadas com carteira de trabalho assinada quando se compara 2009 com a média do triênio 2011-2013 fator este que pode inibir as demissões e contribuindo também para a melhora do índice de desemprego. De acordo com a tabela 3, observa-se um aumento de 5p.p. na participação de trabalhadores com carteira assinada dentro da população ocupada.

Ocupação no trabalho (Mil)	2006	2007	2008	2009	2011	2012	2013
Empregado com carteira de trabalho assinada	28,313	30,075	32,219	32,742	36,750	37,781	38,513
Militar	270	241	263	277	222	352	347
Funcionário público estatutário	5,638	5,946	6,206	6,420	6,550	6,718	6,791
Outro empregado sem carteira de trabalho assinada	15,881	15,722	16,033	15,475	14,206	14,552	14,250
Trabalhador doméstico com carteira de trabalho assinada	1,841	1,826	1,794	2,019	2,067	1,927	2,122
Trabalhador doméstico sem carteira de trabalho assinada	4,952	4,897	4,894	5,276	4,675	4,584	4,351
Conta própria	19,018	19,256	18,912	19,209	19,917	19,832	19,924
Empregador	3,983	3,403	4,190	4,035	3,223	3,620	3,623
Trabalhador na produção para o próprio consumo	4,098	3,946	4,112	3,832	3,804	3,744	4,236
Trabalhador na construção para o próprio uso	136	144	108	104	110	78	106
Não remunerado	5,505	5,399	4,690	4,395	3,240	2,912	2,395
Trabalhadores com carteira de trabalho assinada	36,062	38,088	40,482	41,458	45,589	46,778	47,774
Participação no total (PO)	40%	42%	43%	44%	48%	49%	49%

Tabela 3 – Posição de ocupação no trabalho

Fonte: Elaboração própria com dados do IBGE - PNAD

Acredita-se por fim, que alterações na composição da PEA possam ser explicativas. Portanto, a fim de verificar essa questão, de maneira mais detalhada, será utilizada a metodologia de decomposição da taxa de desemprego apresentada na seção 3.

4.2 Decomposição das variações da taxa de desemprego

A partir dos dados da PNAD de 2001 a 2013 far-se-á a decomposição da taxa de desemprego no efeito nível e no efeito composição para os diferentes grupos componentes da população economicamente ativa, a cada dois anos e de 2005/2006-2001/2002 e 2012/2013-2005/2006, onde será dada maior atenção, buscando comparar as variações dos seis últimos anos em relação ao início dos anos 2000.

As tabelas a seguir mostram a taxa de desemprego entre homens e mulheres, os deltas em pontos percentuais de um período para outro e a decomposição nos dois efeitos. A partir da Tabela 4, nota-se que a taxa de desemprego entre os homens é bem mais baixa do que entre as mulheres. Mesmo com a queda observada na taxa de desemprego feminina ao longo desses anos, a taxa de desemprego entre as mulheres ainda não conseguiu alcançar a mais alta taxa de desemprego entre os homens.

Período	Masculino	Feminino	Geral
2001-2002	7.4%	11.7%	9.2%
2003-2004	7.3%	12.0%	9.3%
2005-2006	6.7%	11.6%	8.8%
2007-2008	5.6%	10.2%	7.6%
2009-2011	5.5%	10.1%	7.5%
2012-2013	4.8%	8.4%	6.4%

Tabela 4 – Taxa de desemprego por sexo

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Δ ano	Masculino	Feminino	Geral
2003-2004	-0.17%	0.24%	0.04%
2005-2006	-0.56%	-0.40%	-0.46%
2007-2008	-1.08%	-1.35%	-1.20%
2009-2011	-0.10%	-0.12%	-0.11%
2012-2013	-0.71%	-1.70%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.73%	-0.16%	-0.42%
2012/13-2005/06	-1.89%	-3.18%	-2.46%

Tabela 5: Variação da taxa de desemprego por sexo

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	Masculino	Feminino
2003-2004	57.5%	42.5%
2005-2006	56.8%	43.2%
2007-2008	56.5%	43.5%
2009-2011	56.4%	43.6%
2012-2013	56.5%	43.5%
2005/06-2001/02	57.2%	42.8%
2012/13-2005/06	56.5%	43.5%

Tabela 6: Composição média da PEA por sexo

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Efeito Desemprego	Masculino	Feminino	Geral
2003-2004	-0.10%	0.10%	0.00%
2005-2006	-0.32%	-0.17%	-0.49%
2007-2008	-0.61%	-0.59%	-1.20%
2009-2011	-0.06%	-0.05%	-0.11%
2012-2013	-0.40%	-0.74%	-1.14%
2005/06-2001/02	-0.42%	-0.07%	-0.48%
2012/13-2005/06	-1.07%	-1.38%	-2.45%

Efeito Composição	Masculino	Feminino	Geral
2003-2004	-0.05%	0.09%	0.03%
2005-2006	-0.05%	0.08%	0.03%
2007-2008	0.00%	0.00%	0.00%
2009-2011	0.00%	0.00%	0.00%
2012-2013	0.01%	-0.02%	-0.01%
2005/06-2001/02	-0.10%	0.16%	0.06%
2012/13-2005/06	0.01%	-0.01%	-0.01%

Tabela 7: Decomposição da variação da taxa de desemprego por sexo

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Da tabela 7, observa-se que a queda, de fato, decorre do efeito desemprego, uma vez que do delta de 2.46pp evidenciado na tabela 5, o efeito no nível do desemprego foi responsável por 2.45pp e o efeito composição pouco contribui (0.01pp). Além disso, as tabelas 5 e 7 evidenciam que a queda entre as mulheres é maior do que em relação ao sexo masculino, o que mostra uma maior inclusão das mulheres no mercado de trabalho.

Se não fosse a queda no nível da taxa de desemprego, teria sido observada uma elevação da taxa de desemprego, já que esse indicador é mais alto entre as mulheres e sua participação na PEA está mais elevada.

A seguir estão as tabelas com a taxa de desemprego, os deltas de um período para outro e a decomposição no efeito nível e composição para as diferentes raças componentes da PEA.

Período	Branca	Preta	Parda	Outras	Geral
2001-2002	8.2%	12.8%	10.1%	6.9%	9.2%
2003-2004	8.4%	12.6%	9.9%	8.6%	9.3%
2005-2006	7.9%	11.5%	9.5%	7.5%	8.8%
2007-2008	6.7%	9.7%	8.2%	11.9%	7.6%
2009-2011	6.5%	8.8%	8.3%	9.1%	7.5%
2012-2013	5.3%	7.8%	7.2%	5.6%	6.4%

Tabela 8: Taxa de desemprego por raça

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

A partir da tabela 8, verifica-se que a taxa de desemprego entre pretos e pardos se aproxima cada vez mais da taxa de desemprego dos brancos. Quando se compara as raças preta e branca na tabela 9, a variação de um ano para outro da taxa de desemprego da raça preta só não foi maior no último período analisado.

Δ ano	Branca	Preta	Parda	Outras	Geral
2003-2004	0.16%	-0.19%	-0.21%	1.71%	0.04%
2005-2006	-0.52%	-1.06%	-0.39%	-1.09%	-0.46%
2007-2008	-1.13%	-1.85%	-1.34%	4.36%	-1.20%
2009-2011	-0.19%	-0.83%	0.14%	-2.73%	-0.11%
2012-2013	-1.22%	-1.03%	-1.12%	-3.50%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.36%	-1.24%	-0.59%	0.62%	-0.42%
2012/13-2005/06	-2.54%	-3.71%	-2.32%	-1.86%	-2.46%

Tabela 9: Variação da taxa de desemprego por raça

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	Branca	Preta	Parda	Outras
2003-2004	52.9%	6.3%	40.2%	0.6%
2005-2006	51.1%	6.8%	41.4%	0.7%
2007-2008	49.6%	7.6%	41.9%	0.9%
2009-2011	48.8%	8.2%	42.2%	0.9%
2012-2013	47.5%	8.6%	43.0%	0.8%
2005/06-2001/02	51.9%	6.7%	40.8%	0.7%
2012/13-2005/06	48.4%	8.0%	42.8%	0.8%

Tabela 10: Composição média da PEA por raça

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Pode-se dizer que pretos e pardos também estão conquistando cada vez mais espaço no mercado de trabalho.

A tabela 11 abaixo, mostra que a queda da taxa de desemprego decorre, basicamente, de três raças: branca, parda e preta. Nesse caso, como pode ser visto na tabela 10, houve uma alteração na composição da PEA, com aumento da participação de pretos e pardos e redução da participação de brancos. Como a taxa de desemprego dentre pretos e pardos é mais alta, apesar da queda ocorrida nos últimos anos, se a PEA continuasse com a mesma participação de brancos do início de 2005/2006, o índice de desemprego teria sido menor ainda.

Efeito Desemprego	Branca	Preta	Parda	Outras	Geral
2003-2004	0.09%	-0.01%	-0.08%	0.01%	0.00%
2005-2006	-0.27%	-0.07%	-0.16%	-0.01%	-0.51%
2007-2008	-0.56%	-0.14%	-0.56%	0.04%	-1.22%
2009-2011	-0.09%	-0.07%	0.06%	-0.02%	-0.13%
2012-2013	-0.58%	-0.09%	-0.48%	-0.03%	-1.18%
2005/06-2001/02	-0.19%	-0.08%	-0.24%	0.00%	-0.51%
2012/13-2005/06	-1.23%	-0.30%	-0.99%	-0.01%	-2.54%

Efeito Composição	Branca	Preta	Parda	Outras	Geral
2003-2004	-0.13%	0.03%	0.13%	0.00%	0.03%
2005-2006	-0.16%	0.10%	0.10%	0.01%	0.05%
2007-2008	-0.06%	0.07%	0.00%	0.02%	0.03%
2009-2011	-0.05%	0.05%	0.04%	-0.01%	0.02%
2012-2013	-0.10%	0.04%	0.10%	0.00%	0.03%
2005/06-2001/02	-0.29%	0.13%	0.23%	0.01%	0.09%
2012/13-2005/06	-0.22%	0.15%	0.14%	0.00%	0.08%

Tabela 11: Decomposição da variação da taxa de desemprego por raça

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Sob a ótica de faixa etária, a partir da tabela 12 observa-se uma taxa de desemprego muito mais alta entre os jovens. Nesse contexto cabe citar Menezes-Filho e Nunes (2010), que em seu estudo alegam que o alto desemprego entre jovens está associado a uma elevada taxa de desligamento e não a uma maior dificuldade de encontrar trabalho, concluindo que a dificuldade não se encontra em conseguir o primeiro emprego e sim permanecer nele.

Período	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2001-2002	9.4%	15.2%	6.5%	4.4%	1.8%	9.2%
2003-2004	8.6%	15.5%	6.5%	4.4%	1.7%	9.3%
2005-2006	8.5%	15.3%	5.9%	3.9%	1.8%	8.8%
2007-2008	10.9%	13.3%	5.4%	3.4%	1.4%	7.6%
2009-2011	10.6%	13.6%	5.4%	3.2%	1.5%	7.5%
2012-2013	12.4%	11.9%	4.7%	2.7%	1.5%	6.4%

Tabela 12: Taxa de desemprego por faixa etária

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Δ ano	<15	19-29	30-44	45-64	≥ 65	Geral
2003-2004	-0.85%	0.31%	0.07%	-0.06%	-0.15%	0.04%
2005-2006	-0.09%	-0.17%	-0.64%	-0.46%	0.09%	-0.46%
2007-2008	2.35%	-2.01%	-0.54%	-0.56%	-0.43%	-1.20%
2009-2011	-0.21%	0.25%	0.03%	-0.13%	0.19%	-0.11%
2012-2013	1.75%	-1.66%	-0.69%	-0.55%	0.00%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.95%	0.14%	-0.57%	-0.52%	-0.06%	-0.42%
2012/13-2005/06	3.89%	-3.42%	-1.20%	-1.24%	-0.23%	-2.46%

Tabela 13: Variação da taxa de desemprego por faixa etária

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	<15	19-29	30-44	45-64	≥ 65
2003-2004	2.6%	37.3%	35.0%	22.1%	3.1%
2005-2006	2.4%	36.8%	34.7%	23.0%	3.1%
2007-2008	2.0%	35.9%	34.7%	24.2%	3.2%
2009-2011	1.5%	34.4%	35.2%	25.7%	3.3%
2012-2013	1.1%	32.5%	36.0%	27.2%	3.3%
2005/06-2001/02	2.6%	37.0%	34.8%	22.5%	3.1%
2012/13-2005/06	1.6%	34.0%	35.4%	25.7%	3.3%

Tabela 14: Composição média da PEA por faixa etária

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Conforme mostra a tabela acima, observa-se uma grande alteração significativa na composição da PEA, com redução da participação das pessoas com menos de 29 anos, e aumento acima de 30 anos. Esse fato pode estar associado ao aumento da renda das famílias, o que reduz a pressão das mesmas para ingresso precoce dos filhos no mercado de trabalho e ao fato de muitos jovens estarem abandonando o mercado de trabalho para estudar, já que agora não precisam mais trabalhar para pagar os estudos.

Efeito Desemprego	<15	19-29	30-44	45-64	≥ 65	Geral
2003-2004	-0.02%	0.12%	0.03%	-0.01%	0.00%	0.10%
2005-2006	0.00%	-0.06%	-0.22%	-0.11%	0.00%	-0.39%
2007-2008	0.05%	-0.72%	-0.19%	-0.14%	-0.01%	-1.01%
2009-2011	0.00%	0.09%	0.01%	-0.03%	0.01%	0.06%
2012-2013	0.02%	-0.54%	-0.25%	-0.15%	0.00%	-0.92%
2005/06-2001/02	-0.02%	0.05%	-0.20%	-0.12%	0.00%	-0.29%
2012/13-2005/06	0.06%	-1.16%	-0.43%	-0.32%	-0.01%	-1.85%

Efeito Composição	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2003-2004	-0.05%	-0.05%	-0.02%	0.05%	0.00%	-0.07%
2005-2006	0.00%	-0.08%	-0.03%	0.03%	0.00%	-0.07%
2007-2008	-0.07%	-0.21%	0.03%	0.06%	0.00%	-0.19%
2009-2011	-0.04%	-0.21%	0.03%	0.05%	0.00%	-0.17%
2012-2013	-0.05%	-0.28%	0.04%	0.05%	0.00%	-0.23%
2005/06-2001/02	-0.04%	-0.13%	-0.04%	0.08%	0.00%	-0.13%
2012/13-2005/06	-0.15%	-0.70%	0.10%	0.15%	0.00%	-0.60%

Tabela 15: Decomposição da variação da taxa de desemprego por faixa etária

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Analisando a tabela 15 nota-se que a queda no nível de desemprego entre a população de 19 a 29 anos e a alteração na composição da PEA dessa mesma faixa etária contribuíram fortemente para a queda geral da taxa de desemprego (0.6pp). Portanto, se a composição da PEA não tivesse sido alterada essa queda do índice de desemprego teria sido menor, somente de 1.85pp.

Aqui, vale ressaltar o resultado obtido por Shimmer (1998). Por meio de uma regressão linear do desemprego como função da participação dos jovens no mercado trabalho, o autor constata que quanto maior a participação dos jovens no mercado de trabalho, maior a taxa de desemprego média da PEA.

Já nas tabelas de 16 a 19 apresenta-se a decomposição da variação da taxa de desemprego considerando-se os anos de estudo. Para definir o nível de qualificação da mão-de-obra, adotou-se o seguinte princípio; aqueles com menos de 9 anos de estudo foram considerados como mão-de-obra pouco qualificada, semi qualificada quando se tinha entre 9 e 11 anos de estudo e qualificada, acima disto – uma vez que os melhores empregos exigem um nível mínimo de escolaridade equivalente ao ensino secundário (onze anos de estudo), quando não universitário.

Período	pouco_qualificada	semi_qualificada	qualificada	Geral
2001-2002	8.1%	13.9%	8.8%	9.2%
2003-2004	7.6%	14.3%	9.2%	9.3%
2005-2006	7.0%	13.8%	8.8%	8.8%
2007-2008	5.8%	11.5%	7.8%	7.6%
2009-2011	6.0%	10.9%	7.4%	7.5%
2012-2013	5.1%	9.4%	6.2%	6.4%

Tabela 16: Taxa de desemprego por nível de escolaridade

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Quando se avalia o índice de desemprego por nível de escolaridade, observa-se que a relação entre qualificação e taxa de desemprego apresenta um formato de “U” invertido. Ou seja, a taxa de desemprego é mais alta entre as pessoas que completaram o ensino médio. A taxa de desemprego começa baixa para os trabalhadores pouco qualificados, aumenta para os trabalhadores semi qualificados e volta a cair para os trabalhadores com nível superior ou pós-graduados. Isso acontece, pois os trabalhadores menos qualificados, geralmente, trabalham em posições onde há muita disponibilidade de emprego, tais como construção civil, agricultura, segurança, os trabalhadores mais qualificados trabalham em empresas; para aqueles que possuem somente ensino médio, costuma ser mais difícil.

Δ ano	pouco_qualificada	semi_qualificada	qualificada	Geral
2003-2004	-0.46%	0.40%	0.37%	0.04%
2005-2006	-0.62%	-0.45%	-0.37%	-0.46%
2007-2008	-1.17%	-2.37%	-1.00%	-1.20%
2009-2011	0.24%	-0.54%	-0.39%	-0.11%
2012-2013	-0.95%	-1.50%	-1.28%	-1.15%
2005/06-2001/02	-1.08%	-0.05%	0.00%	-0.42%
2012/13-2005/06	-1.88%	-4.42%	-2.67%	-2.46%

Tabela 17: Variação da taxa de desemprego por nível de escolaridade

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	pouco_qualificada	semi_qualificada	qualificada
2003-2004	51.25%	16.79%	31.95%
2005-2006	47.73%	17.10%	35.17%
2007-2008	43.96%	17.36%	38.68%
2009-2011	39.68%	17.52%	42.80%
2012-2013	35.77%	17.42%	46.80%
2005/06-2001/02	49.73%	16.73%	33.54%
2012/13-2005/06	40.05%	17.27%	42.68%

Tabela 18: Composição média da PEA por nível de escolaridade

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Nota-se novamente uma alteração na composição da PEA, com uma queda expressiva da participação das pessoas com baixa escolaridade (mão-de-obra pouco qualificada) e aumento daqueles que estudaram mais de 11 anos.

Efeito Desemprego	pouco_qualificada	semi_qualificada	qualificada	Geral
2003-2004	-0.24%	0.07%	0.12%	-0.05%
2005-2006	-0.30%	-0.08%	-0.13%	-0.50%
2007-2008	-0.51%	-0.41%	-0.38%	-1.31%
2009-2011	0.10%	-0.10%	-0.17%	-0.17%
2012-2013	-0.34%	-0.26%	-0.60%	-1.20%
2005/06-2001/02	-0.54%	-0.01%	0.00%	-0.54%
2012/13-2005/06	-0.75%	-0.76%	-1.14%	-2.65%

Efeito Composição	pouco_qualificada	semi_qualificada	qualificada	Geral
2003-2004	-0.31%	0.11%	0.29%	0.09%
2005-2006	-0.22%	-0.02%	0.29%	0.05%
2007-2008	-0.29%	0.08%	0.32%	0.11%
2009-2011	-0.24%	-0.04%	0.34%	0.06%
2012-2013	-0.21%	0.01%	0.24%	0.05%
2005/06-2001/02	-0.53%	0.09%	0.57%	0.12%
2012/13-2005/06	-0.74%	0.05%	0.89%	0.20%

Tabela 19: Decomposição da variação da taxa de desemprego por nível de escolaridade
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

A partir da tabela 19 observa-se que a maior queda do índice de desemprego acontece no grupo de pessoas que estudaram mais de 11 anos, o que revela uma maior exigência do mercado de trabalho. Além disso, conforme já observado, como as taxas de desemprego são mais baixas tanto entre aqueles com baixo nível de escolaridade quanto entre os de mais elevado nível, se a participação dos grupos tivesse se mantido a mesma do passado, a queda da taxa de desemprego teria sido ainda maior (2.65pp).

Avaliou-se também a variação da taxa de desemprego levando em consideração a localização demográfica, mais especificamente, a área e a zona. Os resultados estão apresentados nas tabelas 20 a 27.

Período	Região Metropolitana	Demais Regiões	Geral
2001-2002	12.9%	7.5%	9.2%
2003-2004	13.5%	7.4%	9.3%
2005-2006	12.4%	7.2%	8.8%
2007-2008	10.2%	6.4%	7.6%
2009-2011	9.2%	6.8%	7.5%
2012-2013	7.5%	5.9%	6.4%

Tabela 20: Taxa de desemprego por área
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Pela análise da tabela 20, pode-se dizer que a taxa de desemprego nas regiões metropolitanas já foi muito mais elevada do que nas demais regiões. No início dos anos 2000 esse índice chegou a ser quase o dobro nas regiões metropolitanas e atualmente não chega a ser 30% maior.

Δ ano	Região Metropolitana	Demais Regiões	Geral
2003-2004	0.61%	-0.17%	0.04%
2005-2006	-1.07%	-0.18%	-0.46%
2007-2008	-2.23%	-0.75%	-1.20%
2009-2011	-1.02%	0.31%	-0.11%
2012-2013	-1.69%	-0.90%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.46%	-0.35%	-0.42%
2012/13-2005/06	-4.95%	-1.34%	-2.46%

Tabela 21: Variação da taxa de desemprego por área

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	Região Metropolitana	Demais Regiões
2001-2002	31.77%	68.23%
2003-2004	31.11%	68.89%
2005-2006	31.05%	68.95%
2007-2008	31.37%	68.63%
2009-2011	31.43%	68.57%
2012-2013	31.46%	68.54%
2005/06-2001/02	31.41%	68.59%
2012/13-2005/06	31.26%	68.74%

Tabela 22: Composição média da PEA por área

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

A composição média da PEA permaneceu praticamente constante ao longo de todos esses anos. Assim, como pode também ser observado na tabela 23, o efeito composição pouco, ou quase nada, contribuiu para a queda da taxa de desemprego. Portanto, a migração de trabalhadores entre as regiões não foi fator de impacto para essa redução.

Efeito Desemprego	Região Metropolitana	Demais Regiões	Geral
2003-2004	0.19%	-0.12%	0.07%
2005-2006	-0.33%	-0.12%	-0.45%
2007-2008	-0.70%	-0.51%	-1.21%
2009-2011	-0.32%	0.21%	-0.11%
2012-2013	-0.53%	-0.62%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.15%	-0.24%	-0.38%
2012/13-2005/06	-1.55%	-0.92%	-2.47%

Efeito Composição	Região Metropolitana	Demais Regiões	Geral
2003-2004	-0.09%	0.05%	-0.04%
2005-2006	-0.01%	0.00%	0.00%
2007-2008	0.04%	-0.02%	0.01%
2009-2011	0.01%	0.00%	0.00%
2012-2013	0.00%	0.00%	0.00%
2005/06-2001/02	-0.09%	0.05%	-0.04%
2012/13-2005/06	0.04%	-0.03%	0.01%

Tabela 23: Decomposição da variação da taxa de desemprego por área
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Cabe ainda destacar que a redução no nível de desemprego das regiões metropolitanas contribuiu mais para a queda da taxa de desemprego do que a redução no nível de desemprego das demais regiões.

A segmentação dos dados por zona evidencia uma baixa taxa de desemprego na zona rural e que apresenta menor variação do que a zona urbana, de acordo com as tabelas 24 e 25, respectivamente.

Período	Urbana	Rural	Geral
2001-2002	10.7%	2.5%	9.2%
2003-2004	10.8%	2.5%	9.3%
2005-2006	10.2%	2.9%	8.8%
2007-2008	8.7%	2.7%	7.6%
2009-2011	8.4%	2.9%	7.5%
2012-2013	7.0%	3.0%	6.4%

Tabela 24: Taxa de desemprego por zona
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Δ ano	Urbana	Rural	Geral
2003-2004	0.07%	0.05%	0.04%
2005-2006	-0.58%	0.37%	-0.46%
2007-2008	-1.51%	-0.22%	-1.20%
2009-2011	-0.28%	0.18%	-0.11%
2012-2013	-1.43%	0.08%	-1.15%
2005/06-2001/02	-0.52%	0.41%	-0.42%
2012/13-2005/06	-3.21%	0.05%	-2.46%

Tabela 25: Variação da taxa de desemprego por zona
Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	Urbana	Rural
2001-2002	82.22%	17.78%
2003-2004	81.91%	18.09%
2005-2006	81.27%	18.73%
2007-2008	82.46%	17.54%
2009-2011	84.01%	15.99%
2012-2013	84.91%	15.09%
2005/06-2001/02	81.74%	18.26%
2012/13-2005/06	83.09%	16.91%

Tabela 26: Composição média da PEA por zona

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Mais recentemente, houve uma mudança na composição da PEA evidenciado na tabela 26. Como seria de se esperar, nota-se na tabela 27, que a redução no nível de desemprego das zona urbana foi a principal responsável pela queda na taxa de desemprego. Se não fosse essa alteração, a queda da taxa de desemprego teria sido maior ainda, uma vez que a população rural contribui com uma taxa de desemprego mais baixa e ela perdeu participação na PEA nos últimos anos.

Efeito Desemprego	Urbana	Rural	Geral
2003-2004	0.05%	0.01%	0.06%
2005-2006	-0.47%	0.07%	-0.41%
2007-2008	-1.24%	-0.04%	-1.28%
2009-2011	-0.23%	0.03%	-0.20%
2012-2013	-1.20%	0.01%	-1.19%
2005/06-2001/02	-0.42%	0.08%	-0.35%
2012/13-2005/06	-2.67%	0.01%	-2.66%

Efeito Composição	Urbana	Rural	Geral
2003-2004	-0.03%	0.01%	-0.02%
2005-2006	-0.07%	0.02%	-0.05%
2007-2008	0.11%	-0.03%	0.08%
2009-2011	0.13%	-0.04%	0.09%
2012-2013	0.07%	-0.03%	0.04%
2005/06-2001/02	-0.10%	0.03%	-0.07%
2012/13-2005/06	0.31%	-0.11%	0.21%

Tabela 27: Decomposição da variação da taxa de desemprego por zona

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Por fim, fez-se a avaliação da taxa de desemprego por região do Brasil. Da tabelas 28 e 29, chama atenção que embora tenha havido grande evolução da taxa de desemprego na região nordeste no início dos anos 2000, recentemente, foi a região que apresentou a menor queda.

Período	CO	NE	NO	SE	SU	Geral
2001-2002	8.5%	8.5%	9.8%	10.8%	6.4%	9.2%
2003-2004	8.5%	8.8%	8.3%	11.0%	6.2%	9.3%
2005-2006	8.9%	8.6%	7.3%	10.2%	6.0%	8.8%
2007-2008	7.8%	7.9%	6.9%	8.4%	5.4%	7.6%
2009-2011	6.9%	8.4%	7.5%	7.9%	5.2%	7.5%
2012-2013	5.5%	7.8%	6.8%	6.4%	4.1%	6.4%

Tabela 28: Taxa de desemprego por região

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Δ ano	CO	NE	NO	SE	SU	Geral
2003-2004	0.02%	0.33%	-1.43%	0.15%	-0.19%	0.04%
2005-2006	0.44%	-0.20%	-1.08%	-0.76%	-0.21%	-0.46%
2007-2008	-1.19%	-0.72%	-0.38%	-1.84%	-0.65%	-1.20%
2009-2011	-0.88%	0.49%	0.65%	-0.45%	-0.18%	-0.11%
2012-2013	-1.38%	-0.60%	-0.77%	-1.54%	-1.04%	-1.15%
2005/06-2001/02	0.46%	0.13%	-2.51%	-0.61%	-0.39%	-0.42%
2012/13-2005/06	-3.44%	-0.83%	-0.50%	-3.83%	-1.87%	-2.46%

Tabela 29: Variação da taxa de desemprego por região

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PEA	CO	NE	NO	SE	SU
2003-2004	7.2%	27.2%	5.8%	43.5%	16.3%
2005-2006	7.2%	27.0%	7.0%	43.0%	15.9%
2007-2008	7.3%	26.6%	7.5%	43.0%	15.6%
2009-2011	7.5%	26.2%	7.6%	43.1%	15.5%
2012-2013	7.7%	25.9%	7.8%	43.2%	15.5%
2005/06-2001/02	7.2%	27.1%	6.3%	43.4%	16.0%
2012/13-2005/06	7.4%	26.3%	7.7%	43.0%	15.5%

Tabela 30: Composição média da PEA por região

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

A partir da tabela 30, pode-se dizer que o efeito composição entre as regiões na PEA não contribuiu para a queda da taxa de desemprego. Merece ser destacada a contribuição da região sudeste para a queda da taxa de desemprego, já que as regiões nordeste, sul e centro-oeste tiveram participação semelhante.

Efeito Desemprego	CO	NE	NO	SE	SU	Geral
2003-2004	0.00%	0.09%	-0.08%	0.07%	-0.03%	0.04%
2005-2006	0.03%	-0.05%	-0.08%	-0.33%	-0.03%	-0.46%
2007-2008	-0.09%	-0.19%	-0.03%	-0.79%	-0.10%	-1.20%
2009-2011	-0.07%	0.13%	0.05%	-0.19%	-0.03%	-0.11%
2012-2013	-0.11%	-0.16%	-0.06%	-0.66%	-0.16%	-1.15%
2005/06-2001/02	0.03%	0.03%	-0.16%	-0.26%	-0.06%	-0.42%
2012/13-2005/06	-0.26%	-0.22%	-0.04%	-1.65%	-0.29%	-2.45%

Efeito Composição	CO	NE	NO	SE	SU	Geral
2003-2004	-0.01%	-0.02%	0.12%	-0.09%	-0.01%	-0.01%
2005-2006	0.00%	-0.03%	0.08%	-0.02%	-0.03%	0.00%
2007-2008	0.02%	-0.03%	0.00%	0.01%	0.00%	0.00%
2009-2011	0.01%	-0.04%	0.02%	0.02%	0.00%	0.00%
2012-2013	0.01%	-0.01%	0.01%	-0.01%	0.00%	0.00%
2005/06-2001/02	0.00%	-0.05%	0.19%	-0.10%	-0.05%	0.00%
2012/13-2005/06	0.04%	-0.08%	0.03%	0.02%	-0.01%	0.00%

Tabela 31: Decomposição da variação da taxa de desemprego por região

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Como a única contribuição para queda do desemprego foi proveniente da alteração da composição da PEA por faixa etária, realizou-se uma análise semelhante para essa variável considerando sua composição na População em Idade Ativa ao invés da PEA, a fim de isolar efeitos demográficos e os resultados estão apresentados a seguir.

Período	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2001-2002	0.5%	10.3%	5.3%	2.9%	0.4%	4.6%
2003-2004	0.4%	10.7%	5.4%	2.9%	0.4%	4.7%
2005-2006	0.4%	10.8%	4.9%	2.7%	0.4%	4.6%
2007-2008	0.4%	9.3%	4.5%	2.3%	0.3%	4.0%
2009-2011	0.3%	9.2%	4.5%	2.2%	0.3%	3.9%
2012-2013	0.2%	7.8%	3.9%	1.8%	0.3%	3.3%

Tabela 32: Desocupados sobre a PIA

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Δ ano	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2005/06-2001/02	-0.08%	0.51%	-0.34%	-0.25%	-0.02%	0.00%
2012/13-2005/06	-0.15%	-2.96%	-1.04%	-0.88%	-0.12%	-1.34%

Tabela 33: Variação de desocupados sobre a PIA

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Composição Média PIA	<15	19-29	30-44	45-64	>=65
2005/06-2001/02	27.3%	27.4%	21.5%	17.2%	6.7%
2012/13-2005/06	24.4%	25.9%	22.0%	19.8%	7.9%

Tabela 34: Composição média da PIA por faixa etária

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Na tabela 34, observa-se uma taxa de participação de cada faixa etária na PIA bastante diferente da participação na PEA.

Efeito Desemprego	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2005/06-2001/02	-0.02%	0.14%	-0.07%	-0.04%	0.00%	0.00%
2012/13-2005/06	-0.04%	-0.77%	-0.23%	-0.17%	-0.01%	-1.21%

Efeito Composição	<15	19-29	30-44	45-64	>=65	Geral
2005/06-2001/02	-0.01%	-0.04%	0.00%	0.05%	0.00%	0.00%
2012/13-2005/06	-0.01%	-0.24%	0.04%	0.08%	0.01%	-0.13%

Tabela 35: Decomposição da variação de desocupados sobre a PIA

Fonte: Elaboração própria com dados da PNAD

Apesar da diferença das taxas de participação, a tabela 35 mostra que, ainda que em menor proporção, a mudança de composição por faixa etária na PIA contribuiu para a queda do desemprego.

5 CONCLUSÃO

Ao longo dos últimos anos ocorreram muitas mudanças na economia brasileira. Apesar da recente desaceleração da economia, o mercado de trabalho apresentou resultados bastante positivos. Esse cenário tem sido muito questionado e motivou este trabalho na tentativa de através de uma avaliação descritiva da taxa de desemprego identificar fatores que poderiam explicar tal desempenho do mercado de trabalho.

Os resultados obtidos assemelharam-se às conclusões de Saboia (2014) e Barbosa Filho e Abreu Pessoa (2011). Dentre todas as variáveis analisadas somente uma delas apresentou indícios de contribuição para a queda da taxa de desemprego, a faixa etária. Em seu trabalho, Barbosa Filho e Abreu Pessoa (2011) encontram que além de alterações na participação da PEA por faixa etária, mudanças na composição por escolaridade também influenciaram a melhora do índice de desemprego.

A análise do efeito composição da população economicamente ativa para as variáveis de sexo, regiões metropolitanas ou não e regiões do Brasil não representou nenhum impacto na redução do desemprego. Enquanto que a composição por nível de escolaridade, raça ou cor e localização demográfica em relação à zona urbana ou rural impactaram de maneira negativa a

queda, ou seja, se a composição da PEA tivesse se mantido a mesma do passado, a redução da taxa de desemprego teria sido ainda maior.

A mudança na composição da faixa etária da população economicamente ativa foi responsável por 25% da queda da taxa de desemprego de 2005/2006 para 2012/2013. Essa redução da participação da população jovem na PEA também foi citada como possível explicação para a recente redução da taxa de desemprego por Santos (2013) e por Garcia e Gonzaga (2014) como uma das principais mudanças no mercado de trabalho.

Concluiu-se, portanto, que a diminuição da participação dos jovens na força de trabalho associado à desaceleração do crescimento da população foram os principais fatores de contribuição para esse fenômeno relacionado à taxa de desemprego.

Por fim, acredita-se que este trabalho contribuiu de forma considerável para a ampliação do conhecimento sobre o tema, e que interpretar a economia brasileira não é uma tarefa nada trivial mas que, de maneira geral, tenha atingido os objetivos propostos.

6 REFERÊNCIAS

- BALTAR, P. E.; LEONE, E. T. **O mercado de trabalho no Brasil nos anos 2000.**, Campinas: IE/ UNICAMP, n. 19, jul./abr., 2012
- BARBOSA FILHO, F. H.; PESSOA, S. A. 2011. **Uma Análise da Redução da Taxa de Desemprego.** *Anais do Encontro Nacional de Economia da Anpec*
- CORSEUIL, C. H.; SERVO, L. S. 2006. **Criação, Destruição e Realocação de Empregos no Brasil.** Brasília: IPEA.
- FLORI, P. M. (2003) **Desemprego de jovens: um estudo sobre a dinâmica do mercado de trabalho juvenil brasileiro.** 2003. 77 p. Dissertação (Mestrado em Economia). Departamento de Economia, Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo.
- GARCIA, L.; GONZAGA, L. L. **Pesquisa de Emprego e Desemprego: trinta anos de acompanhamento do mercado de trabalho na Região Metropolitana de São Paulo.** Estudos Avançados, v. 28, n. 81, p. 127-140, 2014.
- IBGE. CAGED e PME - Diferenças Metodológicas e Possibilidades de Comparação. Nota Técnica MTE – IBGE. 2004.
- IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Boletim mercado de trabalho** - Conjuntura e Análise, n. 54. fev. 2013
- Itaú – Relatório Macro Visão - Desemprego, queda da taxa de participação e o FIES. mar. 2014
- KAPSOS, S. **The employment intensity of growth:** trends and macroeconomic determinants. Employment Strategy Papers n. 12. OIT. Genebra, 2005.
- MENEZES FILHO, N. A. ; KOMATSU, B. K. ; CABANAS, P. H. . **A Condição Nem-Nem entre os Jovens é Permanente?**. In: BONELLI, R.; VELOSO, F.. (Org.). **Panorama do Mercado de Trabalho no Brasil.** 1ed.Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014, v. , p. 97-122.
- MENEZES FILHO, N. e NUNES, D. (2010). **Probabilidades de admissão e desligamento no mercado de trabalho brasileiro.** Mimeo.
- NEVES JÚNIOR, L.; PAIVA, L. H. **A relação entre crescimento econômico e emprego no Brasil:** referencial teórico, evidências empíricas e recomendações de políticas. Nota técnica. [s.n.], 2007.
- PINHEIRO, A. C. (Org.) **Ensaio IBRE de Economia brasileira – I.** Rio de Janeiro: IBRE-FGV, 2013.
- PRONI, M. W. . **O Brasil está próximo do pleno emprego?**. Carta Social e do Trabalho , v. 19, p. 16-39, 2012.

PRONI, M. W. . O paradoxo do pleno emprego no Brasil. *Revista da ABET (Online)* , v. 12, p. 98-118, 2013.

RAMOS, L. **Desempenho recente do mercado de trabalho brasileiro: 1992-2005.** *Revista de economia política*, v. 29, n. 4 (116), p. 406-420, out./dez., 2009

REIS, M. ; AGUAS, M. . **Duração do desemprego e transições para o emprego formal, a inatividade e a informalidade.** *Economia Aplicada (Impresso)* , v. 18, p. 35-50, 2014.

REIS, M. C. ; AGUAS, M. F. F. . **Duração do desemprego e transições para a inatividade e para o emprego: uma análise das características da busca por trabalho.** In: XXXVIII Encontro Nacional de Economia, 2010, Salvador.

REIS, M. **Uma Análise da Transição dos Jovens Para o Primeiro Emprego no Brasil.** *Revista Brasileira de Economia (Impresso)*, v. 69, n. 1, p. 125-143, 2015.

SABOIA, J. 2014. **Baixo crescimento econômico e melhora do mercado de trabalho – Como entender a aparente contradição?.** *Estudos Avançados*, v. 28, n. 81, p. 115-125, 2014.

SABOIA, J.; KUBRUSLY, L. S. **Indicadores para o mercado de trabalho metropolitano no brasil.** Rio de Janeiro: Instituto de Economia - UFRJ, 2013.

SANTOS, F. S. 2013. **Ascensão e Queda do Desemprego no Brasil: 1998 a 2012.** *Anais do Encontro Nacional de Economia da Anpec.*

SHIMER, R. (2007). **Reassessing the Ins and Outs of Unemployment.** National Bureau of Economic Research, Working Paper No. 13421.

SHIMER, R. (1998). **Why Is U.S. Unemployment Rate So Much Lower?** *NBER Macroeconomics Annual* vol. 13, 1998.

SILVA, F. J. F.. **O Brasil encontra-se em pleno emprego?.** *Revista Economistas*, p. 32 - 35, 01 set. 2014.

SILVA, F. J. F.; PIRES, L. S. **Evolução do Desemprego no Brasil no Período 2003-2013: Análise Através das Probabilidades de Transição.** *Trabalhos para Discussão - Banco Central do Brasil (Online)*, v. 349, p. 1-32, 2014.